

## O “nadificar do nada”: considerações sobre o conceito “angústia” e sua experiência em uma escultura de Eulâmpio Neto

**Rogério Galdino Trindade**  
*Universidade Autônoma de Barcelona*  
*rogeriogtrindade@hotmail.com*

O presente trabalho fala sobre a angústia. Em discussão com o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard e com o alemão Martin Heidegger, a primeira parte articula brevemente o significado do conceito de angústia para o pensamento filosófico. A relação com a Liberdade, com a Inocência e com o Nada delineiam a concepção de angústia apresentada e liberam os caminhos para uma primeira concepção de seu significado para a consideração filosófica sobre o sentido da experiência existencial humana. O segundo tópico, por conseguinte, encontra na obra de arte do escultor paraibano Eulâmpio Neto uma indicação valiosa do caminho para uma interpretação fenomenológica possível da experiência autêntica da angústia. Através dessa dupla consideração, a angústia deve ser concebida como disposição de humor fundamental, isto é, como origem e possibilidade de que cada existência esteja *afinada* de modo singular com o acontecimento de Ser que lhe perpassa. Como conclusão, o trabalho indica uma possível relação entre a experiência fundamental da angústia e um pensamento filosófico capaz de refletir sobre o horizonte de Ser que circunscreve o sentido de cada existência finita.

**Palavras-chave:** existencialismo, fenomenologia, arte, angústia, escultura.

### Introdução

O advento do século XXI trouxe grandes desafios para a humanidade. Presentemente, testemunhamos a ascensão de uma ameaça humanitária de tamanho ainda não completamente determinado. Para além da grande profusão de conflitos políticos capazes de ameaçar profundamente as raízes da democracia ocidental, a pandemia de COVID-19 revelou deficiências profundas no modo de existir que cada um de nós sempre considerou “normal”. Em tempos como esses, a angústia, uma antiga conhecida da humanidade, aproxima-se com insistência redobrada. O objetivo do presente trabalho, por conseguinte, é recolher este sentimento em uma breve reflexão sobre a experiência contemporânea da existência humana e, a partir dela, refletir sobre as possibilidades fundamentais de nosso ser no mundo.

Em Søren Kierkegaard e Martin Heidegger encontramos os elementos que margeiam o pensamento filosófico sobre o fenômeno da “angústia” em sentido existencial. Na angústia nos sentimos distantes de tudo, o sentido do próprio mundo nos escapa e, com isto, somos colocados diante do Nada que antes carregávamos oculto no fundo da existência. Não obstante, o discurso sobre o caráter “nadificante” da angústia, isto é, sobre a experiência do próprio Nada como o “angustiante”,

é sempre estranho ao pensamento comum: “Falar verdadeiramente do Nada ficará sempre algo de estranho. Nunca se deixará vulgarizar. Logo se dissolve, quando se põe no ácido barato e banal de uma sutileza meramente lógica”<sup>1</sup>. O Nada, tal como se manifesta na angústia, não pode ser interpretado no sentido do “vazio” e da “pura negação” do objeto lógico, ou mesmo na “loucura” como oposição ao “raciocínio correto” sobre as coisas que são<sup>2</sup>. Em sua tarefa, por consequência, o presente trabalho segue um duplo caminho: de um lado, indicar brevemente o âmbito de discussão filosófica da angústia no horizonte da questão sobre o “sentido de ser”. De outro, aproximar-se da própria manifestação do fenômeno da angústia a partir descrição fenomenológica da “experiência do angustiar-se” como experiência do Nada. No último caso, a obra de Eulâmpio Neto serve como guia para a tarefa concebida.

Por conseguinte, no primeiro tópico de nosso trabalho, elaboramos de forma sucinta as considerações de Kierkegaard e Heidegger em torno do conceito de Angústia. Essas indicações, no entanto, têm apenas o objetivo de indicar provisoriamente o horizonte fenomenal a partir do qual a angústia adquire importância capital na discussão sobre nossa existência coetânea. No segundo tópico, buscamos na obra “Angústia” de Eulâmpio Neto uma maior proximidade com o próprio fenômeno do “angustiar-se”. Resta, por fim, na manifestação artística, a referência principal para o sentimento que nos absorve de modo súbito na forma de “angústia”. Na escultura de Eulâmpio repousam indicações para um caminho de pensamento acerca deste sentimento tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante de cada um de nós.

## **1 O conceito de “angústia” em Kierkegaard e Heidegger**

Em Kierkegaard, o sentimento de angústia está profundamente relacionado à questão da liberdade. É famosa sua definição: “a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”<sup>3</sup>. Que isso significa? Ora, para o autor, a angústia não é desconforto ou desarmonia de qualquer tipo. Ela é a liberdade do espírito como “abertura” para a “escolha livre” para e no mundo. A angústia, desta forma, também está em relação com a “inocência”: “Observando-se as crianças, encontra-se nelas a angústia de um modo mais determinado, como uma busca do aventuroso, do monstruoso, do enigmático”<sup>4</sup>. Para a criança, enfim, para a pura inocência, o mundo é o completamente “outro”: o desconhecido e o indeterminado. O mundo é assim porque, na inocência da infância, impera uma desconexão com a totalidade do ente, inclusive com aquilo que “ameaça”. A criança encontra um abismo entre ela e o mundo. No entanto, esse abismo é ocultado na medida

---

<sup>1</sup> Heidegger, Martin. Introdução à Metafísica, Rio de Janeiro, 1999, p. 55.

<sup>2</sup> Irwin, Ruth. *Heidegger and Nietzsche*, In: *Studies in Philosophy and Education*, v. 22, 2003, p. 231.

<sup>3</sup> Kierkegaard, Søren. O conceito de angústia, Petrópolis, 2010, p. 45.

<sup>4</sup> Kierkegaard, 2010, p. 46.

em que a inocência se transforma em experiência, isto é, quando a totalidade do ente (seus riscos, limites, perigos) se impõe como juventude e, posteriormente, como vida adulta.

Mas, de início, como se relacionam inocência e angústia? A partir do Nada. Ora, a existência, desde o começo, está em relação com o Nada como fundamento da “abertura” para um mundo que lhe é próprio. Como “inocência”, a existência parte do Nada e, a partir dele, torna-se “liberdade para a escolha” em meio ao mundo. Se, para a criança, o mundo ainda está para ser conhecido, a “ignorância”, no sentido de “pura inocência”, é a condição de possibilidade de toda descoberta e decisão inicial. É verdade que as “ocupações” do mundo se impõem à inocência; no entanto, o Nada que primeiro determinou a “inocência” como possibilidade inicial permanece. Nas ocupações da vida, o Nada é “oculto” em nós, os adultos. Mesmo oculto, porém, ele nos espreita e, quando se aproxima, sem aviso prévio, sequestra todas as referências ao mundo que construímos com tanto esforço. Não seria toda obra humana uma fuga deste Nada que carregamos no peito desde o início? No assédio do Nada, nos sentimos angustiados. E assim, o próprio Nada, que, na maioria das vezes, está oculto, se manifesta através da angústia. Por baixo da arquitetônica requintada da sociedade, o Nada espreita; reformulamos a questão anterior: o Nada não é a condição primeira de toda descoberta de mundo?

Para Kierkegaard, enfim, a angústia nos leva de volta ao si-mesmo que, inicialmente e a a partir da “inocência”, nos caracteriza como “abertura livre para a escolha” entre as coisas do mundo criado por Deus. Antes do “pecado original”, por conseguinte, a inocência ainda era capaz de angustiar-se diante de si mesma? O filósofo aponta: “Agora a inocência está em seu ápice. Ela é ignorância, mas não uma brutalidade animal, e sim uma ignorância que é qualificada pelo espírito, mas que justamente é angústia, porque sua ignorância se refere a nada”<sup>5</sup>. Enfim, na angústia:

[...] há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela.<sup>6</sup>

Em Heidegger, a *co-pertinência* entre a angústia e o Nada apontada por Kierkegaard é desenvolvida de modo fundamental. Para o primeiro, a “possibilidade antes das possibilidades” tem sentido ontológico e significa: “Aquilo com que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal”<sup>7</sup>. Aqui, a “diferença ontológica” torna-se chave de leitura para a compreensão da angústia a partir da questão do sentido de ser: “o ser não é um ente, mas a condição de possibilidade de todo ente”<sup>8</sup>. A

---

<sup>5</sup> Kierkegaard, 2010, p. 48.

<sup>6</sup> Kierkegaard, 2010, p. 45.

<sup>7</sup> Heidegger, Martin. Ser e Tempo, Petrópolis, 2006, p. 252.

<sup>8</sup> Escudero, Jesús Adrián. Guía de lectura de Ser y Tiempo (Vol. 1), Barcelona, 2016, p. 84, *tradução nossa*.

pergunta pelo Ser, neste caso, é a pergunta pelo sentido daquilo que articula a totalidade do mundo como experiência existencial: “Não se trata de perguntar o que se esconde por trás do ente (isto é, sua essência), mas de estabelecer as condições de possibilidade que permitem compreender algo como algo”<sup>9</sup>. Através da diferença ontológica entre “ente” e “ser”, no entanto, um ente específico aparece como privilegiado: aquele ente que cada um de nós mesmos somos, e que Heidegger aponta com a palavra alemã “*Dasein*”. Traduzido em português tanto por “presença”, quanto por “Ser-aí”, o *Dasein* está disposto em uma relação com o Ser que tem caráter dúbio: ele não é puramente ôntico e nem puramente ontológico. O *Dasein* é *pré-ontológico* justamente porque vive neste “entre”, isto é, em meio ao ente, mas no horizonte de Ser. Neste sentido, *Dasein* é a existência humana interpretada como “abertura ontológica” para um “ser-no-mundo” determinado ônticamente.

Não obstante, o que caracteriza fundamentalmente o *Dasein* como pré-ontológico no sentido de “ponte” entre o ente e o próprio Ser? Justamente porque o *Dasein* é pura “abertura” para possibilidades, ele não possui uma determinação entitativa que responda de uma vez por todas a pergunta que ele se faz constantemente: “quem sou eu?”. No mesmo sentido, a questão sobre o “ser” das coisas (que é isto?) inaugura a possibilidade de qualquer descoberta da essência entitativa do mundo. Que o próprio “questionar” caracterize o modo de ser fundamental do *Dasein*, explica seu caráter pré-ontológico e, ao mesmo tempo, seu lugar privilegiado em qualquer articulação do Ser como “sentido” do ente. Na medida, porém, que assume determinadas ocupações no mundo, o *Dasein* logo esquece essa determinação essencial de seu si-mesmo (como “indeterminação absoluta”) e passa a compreender-se a partir da determinação derivada das coisas com as quais se relaciona. O *Dasein* passa a compreender sua própria existência como uma coisa entre outras coisas, como simples permanência. Que o espírito se mantenha fora de sua “realidade efetiva” significa, para Heidegger, que a própria existência está em “fuga”: fuga do Nada em direção ao mundo das ocupações e das distrações do impessoal.

A “fuga” do Nada não é uma deficiência da existência, mas a condição de “descoberta” do mundo em suas possibilidades ônticas fundamentais; é na “fuga” que nos tornamos “ser-no-mundo” no sentido já referido. Assim mesmo, na angústia, a referência da vida comum e do raciocínio lógico abandonam o *Dasein* e ele volta-se, mais uma vez, para o Nada que antecede e propicia toda referência ôntica ao seu cotidiano. A “fuga” do Nada, no fundo, é a condição de possibilidade da “descoberta” da totalidade do mundo público e impessoal e que o *Dasein* chama “cotidiano” e familiar. Na “fuga” e em meio ao ente, “esquecemos” do Nada, vivemos e pesamos a vida segundo suas características mais próximas. Na academia, o calcular da técnica, o investigar da ciência, a retórica da política e o

---

<sup>9</sup> Escudero, 2016, p. 85.

abstrair das ideias, tudo isto nos ocupa constantemente. No habitar urbano ou do campo, todas as preocupações essenciais e extra-essenciais cobram sua parcela mensal de suor da existência contemporânea. Não obstante, ainda que cobrem um preço, essas ocupações também nos prestam um favor. Isto quer dizer: na “vida pública” estamos ocupados demais para preocuparmo-nos com aquilo que, no fundo, somos, Nada.

Na chamada “vida comum” sentimos medo de não conseguir levar adiante um plano pessoal ou de não corresponder ao que alguém espera de nós. Temos medo de um acidente ou de sermos vítima de um crime. Nos amedrontamos diante de outros entes e, neste sentido, esse medo que sentimos “em meio” ao mundo é diferente da angústia: “[...] aquilo de que se tem medo é sempre um ente intramundano que, advindo de determinada região, torna-se, de maneira ameaçadora, cada vez mais próximo”<sup>10</sup>. Não obstante, o medo carrega qualquer coisa da angústia. Enquanto que no “angustiar-se”, o mundo em sua totalidade “caduca” e o espírito encontra apenas a si mesmo como Nada, no “amedrontar-se” que causa “medo”, o mundo persiste e, justamente por isso, algo “dentro” do mundo nos ameaça: “Medo é angústia imprópria entregue a decadência do ‘mundo’ e, como tal, angústia nela mesma velada”<sup>11</sup>. O “medo” é “temor de algo”, ele possui um referencial “perante o que” (*Wovor*) e “pelo que” (*Worum*) se aterroriza<sup>12</sup>. Esse medo, porém, repousa sempre em uma possibilidade velada de retorno ao Nada através da morte. Na angústia, o Nada que evidencia nossa finitude persiste, porém, desta vez, não há o “ameaçador” na forma de um ente intramundano, mas o próprio Nada se manifesta: “Que o ameaçador não se encontre em lugar nenhum, isso é o que caracteriza o referente da angústia”<sup>13</sup>.

Diante de que nos angustiamos? Sem referente no mundo circundante, nos angustiamos diante de Nada. Ou seja, o Nada “velado” e “oculto” na vida cotidiana, quando menos esperamos, se revela e produz seu efeito sobre nós: “faz nascer a angústia”. Não é o sujeito que se lança na possibilidade de angustiar-se, mas “o próprio nada nadifica”<sup>14</sup>. O “nadificar do nada” apaga qualquer sujeição ao “eu”, pois o próprio Nada é que atrai a existência para uma compreensão de si: “Ser-ai (*Dasein*) quer dizer: estar suspenso dentro do nada”<sup>15</sup>. A angústia não é culpa de quem se angustia, mas a condição fundamental de seu “livre” posicionamento no mundo; não há culpa, apenas a liberdade para a “escolha” que carrega consigo a possibilidade primeira da conquista e/ou da perdição: “Assim, a inocência foi levada ao seu extremo. Ela está na angústia em relação com o proibido e com o castigo. Ela não é culpada e, não obstante, há uma angústia, como se ela já estivesse

---

<sup>10</sup> Heidegger, 2006, p. 252.

<sup>11</sup> Heidegger, 2006, p. 256.

<sup>12</sup> Heidegger, Martin. *Que é metafísica?* (1929), In: *Marcas do Caminho*, Petrópolis, 2008, p. 121.

<sup>13</sup> Heidegger, 2006, p. 253.

<sup>14</sup> Heidegger, 2008, p. 124.

<sup>15</sup> Heidegger, 2008, p. 125.

perdida”<sup>16</sup>. Não é neste sentido que Fernando Pessoa, em 1932 e através do heterônimo Álvaro de Campos, fala da angústia como “transbordar da vasilha” na forma de “pesadelo sem pavor”? O que “transborda” não está sob nosso controle, ele é mais antigo que nós:

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.<sup>17</sup>

A angústia é ancestral e não está sobre o controle daquele que se angustia. Ela é um “transbordar” e o que transborda é o próprio Nada, seu apelar tem o caráter “emocional” (lágrimas, imaginações, sonhos, emoções) que, “sem sentido nenhum”, subitamente arrasta o angustiado para o “entre” do “poder ser que...”. Este súbito movimento dura um instante e, depois dele, dizemos: “Não foi nada”. Ele resiste ao pensamento, na medida em que nos acostumamos a pensar apenas na “fuga” deste estado angustiante e, por consequência, o pensamento sempre chega tarde demais para pensar o Nada. A poetisa Florbela Espanca escreveu sobre a angústia e, sobretudo, a resistência que ela oferece ao “pensar”:

E não se quer pensar! ... e o pensamento  
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós ...  
Querer apagar no céu – ó sonho atroz! –  
O brilho duma estrela, com o vento! ...

E não se apaga, não ... nada se apaga!  
Vem sempre rastejando como a vaga ...  
Vem sempre perguntando: “O que te resta? ...”<sup>18</sup>

O próprio Nada “vem sempre rastejando como a vaga” e nos pergunta: “O que te resta?”. Ele causa a angústia que sentimos, o motivo disso é que, no “estar entre”, mantemos uma íntima relação com o que está “dentro de nós”. O “dentro de nós” que aparece no poema de Florbela Espanca não é uma posição no espaço interior de nosso corpo, mas a própria dimensão do *copertencer* entre o Nada

---

<sup>16</sup> Kierkegaard, 2010, p. 49.

<sup>17</sup> Pessoa, Fernando. *Esta Velha Angústia*, In: *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, 1986, p. 324.

<sup>18</sup> Espanca, Florbela. *A Angústia*, In: *Antologia poética de Florbela Espanca*, São Paulo, 2015.

e o que somos “antes” de estarmos lançados em um mundo. Como na angústia não há *nada* diante do que possamos nos amedrontar, uma relação com o próprio Nada se manifesta. Nós e o Nada que pesa em nosso peito somos “um”. Nada há para ser temido e, assim mesmo, somos arrastados para a estranheza que Fernando Pessoa descreveu como “pesadelo sem terror” e Florbela Espanca como “sonho atroz”.

Eis o que Heidegger apresenta: nós (o *Dasein*) encontramos no Nada a pré-disposição que torna possível toda descoberta de mundo como “liberdade”, isto é, como abertura livre para as possibilidades vindouras. “A angústia arrasta a presença (*Dasein*) para o *ser-livre para (propensio in...)*, para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A presença como ser-no-mundo entrega-se ao mesmo tempo, à responsabilidade de ser”<sup>19</sup>. *Dasein* é, neste sentido, transcendência de si-mesmo como “nada” em favor de um comportamento para com o Ser:

Retendo-se no nada, o ser-aí (*Dasein*) já está sempre para além do ente na totalidade. Esse estar para além do ente, nós designamos a transcendência. Se o ser-aí (*Dasein*), no fundo de sua essência, não exercesse o ato de transcender, o que significa agora, se ele não estivesse retido desde o princípio no nada, então ele jamais poderia assumir um comportamento em relação ao ente e, portanto, também não em relação a si mesmo.<sup>20</sup>

Como apontamos no início do texto, o Nada garante ao *Dasein* uma “abertura privilegiada” ao mundo: na carência de fundamento propiciada pelo Nada, o *Dasein* ocupa o lugar privilegiado daquele ente que, em meios aos entes, carrega a possibilidade fundamental do *questionamento*. Em outras palavras, tendo como fundamento o próprio Nada, o *existente* está lançado como “liberdade” para as possibilidades próprias e impróprias de pensamento:

Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada uma vez que ela singulariza. Essa singularização retira a presença (*Dasein*) de sua decadência, revelando-lhe a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser. Na angústia, essas possibilidades fundamentais da presença (*Dasein*), que é sempre minha, mostram-se como elas são em si mesmas, sem se deixar desfigurar pelo ente intramundano a que, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, a presença (*Dasein*) se atém.<sup>21</sup>

O “ente intramundano” transfigura a angústia em medo e decadência, pois o homem está ocupado apenas com aquilo em que, “numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, a presença (*Dasein*) se atém”. Na angústia, porém, o ente intramundano abandona o *Dasein* e ele percebe que está suspenso sobre o abismo do Nada. É apenas através dessa experiência fundamental do Nada propiciado pela angústia que as “possibilidades fundamentais” do *Dasein* tornam-se acessíveis pela primeira vez. Através do rompimento com a “familiaridade cotidiana”, o *Dasein* encontra seu si-mesmo como possibilidade de *transcendência* em direção ao ente. A “transcendência” não é uma

---

<sup>19</sup> Heidegger, 2006, p. 254.

<sup>20</sup> Heidegger, 2008, p. 125.

<sup>21</sup> Heidegger, 2006, p. 257.

estrutura apriorística do espírito, mas a “decisão” que “dispõe” a existência como “abertura”, a partir do Nada, para um mundo. Na angústia, o *Dasein* é arrastado para a “realidade de sua liberdade”, isto é, para a livre determinação de seu si-mesmo como “abertura” para possibilidades vindouras. No fundo, a angústia é uma experiência singular que nos sucede através do “silêncio” da alma. Não obstante, como está disponível algo como a “angústia” para cada um de nós? Ou melhor, como pode o pensamento ter acesso a esse fenômeno tão sutil da existência? Lembramos aqui o escrito por Heidegger em 1946:

Quando, em meio ao silêncio da noite, o córrego da montanha narra de suas quedas sobre os rochedos...

O mais antigo dos antigos nos sucede em nosso pensamento e, não obstante, vem ao nosso encontro.

*Por isso o pensamento se detém na chegada do que perdura e é recordação (Andenken).*

*Ser antigo significa: deter-se a tempo aí onde o único pensamento de um caminho de pensamento se encontra estabelecido em seu lugar.*

*Assim que nos tenhamos familiarizado com a proveniência do pensar, devemos ousar o passo atrás, da filosofia para o pensar do Seer.<sup>22</sup>*

Nossa consideração conceitual, no entanto, vai apenas até aqui. Indicamos brevemente uma das formas como o fenômeno da angústia ocupou o pensamento filosófico. No entanto, antes de qualquer conceituação sistematizante, é o próprio fenômeno da angústia que interessa em nossa discussão. Em função disso, o próximo tópico dialoga com a angústia a partir de uma obra de Arte, seu objetivo é descrever fenomenologicamente aquilo que está em jogo na experiência fundamental da angústia enquanto tal. As referências agrupadas até aqui, por conseguinte, tiveram o objetivo de nos preparar para a experiência da angústia tal como disponível na obra de Eulâmpio Neto.

## **2 O fenômeno da “angústia” na obra de Eulâmpio Neto**

Eulâmpio Jose da Silva Neto é escritor, artista plástico e professor de anatomia da Universidade Federal da Paraíba. De um lado, encontramos em sua obra grande vínculo entre a experiência emocional da psiquê humana e as expressões sensíveis daqueles que “vivem” tais sentimentos “na pele”. De outro, o próprio artista “vive” sua “arte” de modo intrigante: segundo relatos seus, a criação de cada obra é precedida por um ritual cênico onde “reproduz no próprio corpo” os sentimentos que deseja criar em suas obras. Posteriormente<sup>23</sup>, a “experiência” é espelhada na escultura através da liberdade criativa da arte. Para o objetivo do presente trabalho, essa relação entre obra de arte e artista é fundamental. A arte produzida pelo professor Eulâmpio Neto oferece

---

<sup>22</sup> Heidegger, Martin. Desde a experiência fundamental do pensar, João Pessoa, 2020, p. 4, *grifos do autor*.

<sup>23</sup> É importante destacar também que o artista também relata que em, sua primeira exposição, tentou reproduzir em si os sentimentos que queria retratar durante todo o processo criativo da obra. No entanto, essa tentativa acabou gerando desconfortos físicos reais e, desde então, limitou-se a reproduzir os sentimentos, em frente ao espelho, apenas por alguns momentos e, em seguida, manter na memória o que deseja criar.



oportunidade singular para o pensamento interessado na interpretação fenomenológica da íntima realidade dos sentimentos humanos. Neste caso, procuramos uma interpretação fenomenológica do sentido da experiência da angústia na existência humana e a escultura “Angústia” (figuras 1 e 2) de Eulâmpio nos oferece uma indicação privilegiada do caminho a ser seguido.



*Figura 1 - A Angústia, Eulâmpio Neto (2010), imagens fornecidas pelo artista.*



*Figura 2 - A Angústia, Eulâmpio Neto (2010), imagens fornecidas pelo artista.*

Temos o seguinte: A idade aparente é desconhecida, mas as feições são ancestrais; as mãos procuram o corpo sem brutalidade, parecem querer constatar que ainda *existe* algo ali. O rosto não é rosto, mas máscara que observa sem olhos: testemunha daquilo que nos abate no profundo silêncio da alma. Não tem medo ou pavor, mas sente, no íntimo, os limites da condição finita de sua existência. Ela é o próprio Nada que, catando no mundo outras possibilidades, entrega-se ao alheio como pura *transcendência*, como liberdade inocente em direção ao mundo. Tudo isto em um “instante”: estamos diante do Nada. Como a morte, é também uma experiência solitária, ninguém se angustia por nós, mas nós próprios nos angustiamos e guardamos em nós o profundo segredo dessa experiência. Perguntamos: por que a estátua não possui olhos? Não é um defeito, ela não tem olhos porque observa, dentro de si, o próprio Nada: o abismo sobre o qual se sustenta a existência que lhe foi entregue. Tocada pela angústia e contemplando a própria finitude, é uma testemunha de barro do abismo da existência. E nós, o que somos se não testemunhas de carne e osso do mesmo abismo enigmático? A obra de Eulâmpio cristalizou o que em nós é sempre um “instante”. Ela revela o que, na maioria das vezes, não confessamos e guardamos para nós próprios. E onde encontrou o artista a vastidão oculta que transparece em sua obra se não nos recôncavos de sua própria existência?

A verdade é que não queremos fornecer uma interpretação da obra, mas aguçar os sentidos para aquilo que, através dela, transparece. Nunca nos encontraríamos com o Nada se ele significasse a completa aniquilação das coisas ao nosso redor. Em sentido puramente lógico, o “nada” é a simples “negação”. Um menos um, vazio. No entanto, em um “mundo vivido”, isto é, em nossa experiência existencial do ser, o “não” e a “negatividade” possuem raízes mais profundas que a simples “negação abstrata” concebida pelo pensamento “calculador”: “Mais abissal que a pura conveniência da negação pensante é a dureza da contra-atividade e a agudeza da indignação. Mais responsável é a dor da frustração e a inclemência do proibir. Mais importuna é a aspereza da privação”<sup>24</sup>. Assim, por exemplo, quando sentimos no peito a dureza da “contra-atividade” e a agudeza da “indignação”, a “negatividade” é sentida na *realidade* de nossa vida.

Se é costureiro ou segurança, professor ou político, a dureza da “necessidade” e o gosto amargo da “frustração” afetam a cada um indiscriminadamente. Eis que a “aspereza da proibição” se expande e proíbe a própria vida e, quando atinge o nível da angústia, o próprio sentido do mundo circundante ameaça escapar de nós, deixando-nos ali, em meio ao Nada. Desta forma, é comum que pressintamos a aproximação da angústia como “ameaça” à totalidade do mundo que construímos em meio as coisas e junto aos outros. A existência resiste e, muitas vezes, antecipa o sentimento da angústia, “fugindo” na direção dos entes que sempre ocuparam seu cotidiano. O professor tem a aula,

---

<sup>24</sup> Heidegger, 2008, p. 128.

a costureira tem a entrega, o segurança tem um filho, o político tem sua ideologia, etc. Arranjamos um motivo ou outro para consolidar a totalidade daquilo que nos cerca e, desta forma, fugimos da angústia dizendo: “Não foi nada, apenas um sentimento estranho”. Sendo assim, a obra de Eulâmpio nos fornece uma oportunidade ímpar: ela reflete e mantém tensionada a angústia da qual comumente fugimos; podemos nos colocar diante daquilo que resiste ao pensamento e para a qual, o pensamento lógico parece chegar “tarde demais”. Isto é, a angústia como o instante decisivo onde o próprio Nada “doa” ao *Dasein* humano a possibilidade de ser *como* “livre abertura” para as possibilidades vindouras do mundo.

## **Conclusão**

A arte nos aproxima da experiência de nossa relação íntima com o Ser, isto é, o dizer poético nos descoloca para relação fundamental a partir da qual abrigamos o acontecimento de Ser em nosso próprio *Dasein*. É a partir do ser-para-a-morte que a plenitude do ser aparece como angustiante: não há com que se ocupar diante daquilo que nenhuma ocupação pode esgotar. Se a finitude de nosso ser está, desta forma, disposta diante do Nada, a angústia é, portanto, o *pressentimento* da dinâmica com o Ser que “libera” nossa existência sobre a terra. Enfim, em sua relação com a liberdade humana, a filosofia está profundamente relacionada as potencialidades fundamentais da existência. Sobre a filosofia temos a indicação de Heidegger: “A filosofia deve tornar-se livre em nós, ela deve tornar-se a necessidade interna de nossa essência mais própria, de modo a conferir a essa essência a sua dignidade mais peculiar”<sup>25</sup>. Em sua relação com a liberdade, a angústia também nos coloca diante das possibilidades fundamentais de nosso pensar.

---

<sup>25</sup> Heidegger, Martin. Introdução à Filosofia, São Paulo, 2009, p. 5.

## Referências

- ESCUADERO, Jesús Adrián. **Guía de lectura de Ser y Tiempo, de Martin Heidegger (Vol. 1)**. Barcelona: Heder Editorial, 2016.
- ESPANCA, Florbela. **Antologia poética**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Desde a experiência fundamental do pensar (1947)**. João Pessoa: Em prelo, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Marcas do Caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- IRWIN, Ruth. *Heidegger and Nietzsche; the question of value and nihilism in relation to Education*. In: **Studies in Philosophy and Education**, v. 22, p. 227–244, 2003.
- KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópolis: Vozes, 2015.
- PESSOA, Fernando. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.